

## Considerações Finais Re-Iniciais

A Gramática pode:

1. restringir-se à Filosofia Dualista da norma *versus* erro;
2. ser (supostamente) abolida e substituída por alguma outra coisa que traga uma sensação de ordem à expressão verbal;
3. estudar as condições de possibilidade de se fazer pontes com as palavras, para que a União atravesse de margem a margem.

Fernando Pessoa pôde:

1. restringir-se à Filosofia Dualista quando uma expressão demandava a comunicabilidade normativa, convencional, tradicional;
2. abolir a tradição quando o sufocamento iminente de uma expressão clamava por ruptura, rumo a um contexto mais amplo, em que as velhas regras se substituíssem por uma nova sensação de ordem, intrínseca ao poema e perfeitamente válida no universo aberto do verso;
3. realizar a União entre as duas orientações gramaticais anteriores, gerando uma terceira possibilidade – a de se enxergar a Gramática, não como isto *versus* aquilo, mas como um ser vivo, que, como tudo que é vivo, busca um equilíbrio entre repetir-e-variá-lo capaz de promover vida.

Como receptores-criadores de linguagem nós podemos:

1. ater-nos à tradição, como uma península ao Continente, quando percebermos que nossa comunicabilidade caminha para o autismo;
2. abrimo-nos à anti-tradição, como uma península ao Oceano, quando percebermos que nossa expressividade repetitiva tende a nos tornar todos ventríloquos;
3. reinventarmos-nos como pontes móveis, sempre em casa na Linguagem, aonde quer que seja, servindo de passagem aos signos velhos-conhecidos ou inusitados que nos queiram atravessar em forma de *tradução* (“levando daqui para ali”), em trans-forma de *metáfora* (“transportando”), em re-forma de *poesia* (“fazendo-des-fazendo-re-fazendo com as palavras”).